

A Geografia dos Movimentos Sociais em tempos de Globalização: o MST e o Zapatismo

Mirian Claudia Lourenção Simonetti

Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1999)
Professora do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Endereço profissional: Av. Higyno Muzzi Filho, 737, Campus Universitário, 17.525-900, Marília, SP, Brasil Caixa-
Postal: 420, Telefone: 55 14 3402-1332, Ramal: 1332. Fax: 55 14 3422-4797
Endereço eletrônico: mirian@marilia.unesp.br

Resumo

Neste texto comparo dois movimentos sociais que nascem em contextos históricos e culturais específicos, que utilizam a mídia e a Internet para dar visibilidade a sua luta e que se opõem ‘a nova ordem mundial: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil, e o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN ou Zapatismo) no México. Parte do sucesso do Zapatismo e do MST deve-se a suas ações relacionadas às estratégias de comunicação. Ambos utilizam-se da mídia e da Internet para dar visibilidade as suas lutas, divulgá-la para o mundo, bem como buscar apoio nos momentos críticos de suas lutas. A capacidade desses movimentos se comunicarem com o mundo bem como com as sociedades Mexicana e Brasileira, acabou lançando grupos constituídos por populações tradicionais, que possuem lutas localizadas territorialmente, como protagonistas importantes da política mundial a partir de meados dos anos 90 do século XX. A globalização, caracterizada, sobretudo pelo sistema de informação, definido pelas redes de riqueza e poder, possibilitaram a emergência de movimentos sociais, cuja base é composta de camponeses, indígenas e trabalhadores urbanos, subempregados ou desempregados, como àqueles que com suas práticas de resistência e luta pela terra, contestam tanto suas situações de carência e exclusão, quanto à lógica inerente a nova ordem mundial.

Palavras-chave: movimentos sociais; MST; Zapatismo; globalização; comunicação; resistência.

Resumen

La Geografía de los movimientos sociales en tiempos de globalización: el MST y el Zapatismo

En este texto introduzco una comparación entre dos movimientos sociales que nacen en contextos históricos y culturales específicos, que utilizan la media y la internet para dar visibilidad a su lucha, y que se oponen a la nueva orden mundial. El “Movimiento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” (MST) en Brasil, y el “Exercito Zapatista de Libertação Nacional” (EZLN o Zapatismo) en México. Parte del éxito del Zapatismo y del MST se debe a su estrategia de comunicación. Ambos utilizan la mídia y la Internet para dar visibilidad a su lucha, y así divulgarla para el mundo. Al mismo tiempo en que sus estrategias de comunicación buscan conseguir apoyo en momentos críticos de estas luchas. La capacidad que tienen estos movimientos de comunicarse con el mundo y con las sociedades mejicana y brasileña lanzó grupos constituídos por culturas tradicionales, que poseen luchas localizadas territorialmente, como protagonistas importantes de la política mundial desde mediados de los años 90 del siglo XX. La globalización, caracterizada, sobretudo por el sistema de información, establecida por las redes de riqueza y poder, posibilitaron la emergencia de movimientos sociales, cuya base se compone de campesinos, indígenas y desempleados, o parcialmente empleados como aquellos que con sus prácticas de

resistencia y proyectos alternativos contestan tanto sus situaciones de carencia y exclusiones, quanto la lógica inherente a la nueva orden mundial.

Palabras clave: movimientos sociales; MST; Zapatismo; globalización; comunicación; resistencia.

Abstract

The Geography of the social movements in globalization times: the MST and the zapatismo

In this text I compare two social movements that are born in specific historical and cultural contexts, that use the media and the Internet to give to visibility its fight and that they oppose the new world-wide order: The “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” (MST) in Brazil, and the “Exercito Zapatista de Libertação Nacional” (EZLN or Zapatismo) in Mexico. Part of the success of the Zapatismo and the MST must it its action related to the communication strategies. Both are used of the media and the Internet to give to visibility its fights, to divulge it for the world, as well as searching support at the critical moments of its fights. The capacity of these movements if to communicate with the world as well as with the Mexican and Brazilian societies, finished launching groups consisting of traditional populations, that possess located fights territorially, as important protagonists of the world-wide politics from middle of years 90 of century XX. The globalization, characterized, over all for the system of information, defined for the nets of wealth and power, makes possible the emergency of social movements, whose base is composed of camponeses, aboriginals and urban workers, unemployeds, as to whom with its of resistance and practical fight for the land, in such a way contests its situations of lack and exclusion, how much to the inherent logic the new world-wide order.

keywords: social movements; MST; Zapatismo; globalization; communication; resistance.

Introdução

Nesta pesquisa comparo as ações políticas de dois movimentos sociais, o Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Exercito Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) ou ZAPATISMO. Ambos nascem em contextos históricos e culturais específicos, utilizam a mídia e a Internet para dar visibilidade a sua luta e se opõem à nova ordem global.

Parte da visibilidade mundial do Zapatismo, no México e do MST no Brasil, deve-se à sua estratégia de comunicação. Ambos utilizam-se da mídia e Internet visando dar visibilidade a sua luta, divulgá-la para o mundo, ao mesmo tempo em que suas estratégias de comunicação buscam conseguir apoio em momentos críticos dessas lutas. A capacidade desses movimentos se comunicarem com o mundo e com as sociedades Mexicana e Brasileira acabou lançando grupos, constituídos por populações tradicionais, que possuem lutas localizadas territorialmente, como protagonistas importantes da política mundial a partir de meados dos anos 90 do século XX. A globalização, caracterizada, sobretudo pelo sistema de informação, determinadas pelas redes de riqueza e poder, possibilitaram a emergência de movimentos sociais, cuja base é composta de camponeses, grupos indígenas e trabalhadores urbanos, desempregados ou parcialmente empregados, como àqueles que com suas práticas de resistência e luta pela terra, contestam tanto suas situações de carência e exclusão, quanto à lógica inerente a nova ordem mundial.

A escolha para realizar uma análise comparativa entre o Movimento dos Sem Terra no Brasil e o Movimento Zapatista no México deveu-se as suas características similares. Ambos encontram-se localizados em países que vivenciam condições econômicas e sociais semelhantes; opõem-se as desigualdades sociais em seus países e a nova ordem global;

integram-nos sujeitos vinculados às populações tradicionais; e possuem uma significativa capacidade de criar um espaço comunicativo com o mundo.

Nesta pesquisa buscou-se analisar o espaço comunicativo externo aos movimentos. Ou seja, a forma e o meio utilizado pelos movimentos sociais para divulgar e difundir suas mensagens e seu ideário, conquistar apoios e novos integrantes, a divulgação de fatos que atuem na sua defesa quando se faz necessário para opor-se às intransigências dos governos. Ou seja, os eventos que são criados e que lhes permitem gerar uma comunicação com a sociedade em escala local ou global.

Neste texto apresento uma reflexão sobre o processo de globalização. Posteriormente, saliento os pontos em comum entre o México e o Brasil, contextualizando o aparecimento político do Movimento dos Sem Terra no Brasil e o Movimento zapatista no México. Por último, faço uma reflexão sobre o significado político desses movimentos e da sua capacidade comunicação com o mundo.

Globalização e movimentos sociais

Na atualidade a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram um novo momento para a sociedade contemporânea. Esse momento se caracteriza pela crescente transnacionalização das relações econômicas, sociais, políticas e culturais. Também se caracteriza por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego; por uma cultura construída a partir de um sistema de mídia onipresente; por uma alteração na base técnica da produção. Esse processo vem transformando as bases materiais da vida, abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e aumentando o consumismo, ampliando e induzindo a pobreza, incitando a ganância e a inovação. (CASTELLS:2000)

Juntamente com a revolução tecnológica e a transformação do capitalismo, vivencia-se no último quarto do século, o avanço poderoso de expressões sociais que desafiam a globalização. Essas expressões, segundo Simonetti (1999), encerram grandes diversidades culturais e uma ampla gama de movimentos reativos de resistência que vão desde aqueles mais amplos, tais como os movimentos ambientalistas e ‘aqueles contra a nova ordem global e a pobreza no mundo, aos organizados localmente, de resistência contra as questões internas nos seus países tais como o MST no Brasil e o Movimento Zapatista no México que, ao lutarem contra as desigualdades internas em seus países também se opõem ‘a nova ordem global.

Segundo Simonetti (1999), o processo atual de mundialização se cartografa pelo embate entre a globalização e às vezes despercebidas manifestações locais e regionais. Vivencia-se uma condição planetária pontuada por intervenções locais, regionais, cujas intensas variações determinam a imbricação do local e global. O lugar se recria na articulação do mundial. Do lugar fluem as diferenças e ao lugar reflui simultaneamente a mundialização. Cada lugar se apropria do espaço segundo as formas e os ritmos próprios do ambiente, da vida econômica, política, social e cultural. É do lugar e das micro-políticas gestadas pelos sujeitos nos diversos modos de viver, sentir, pensar, falar e projetar o futuro, que crescem as demandas e constroem-se novas relações e práticas que se opõem ao processo de globalização capitalista.

Há no mundo uma ampla gama de movimentos reativos de resistência ‘a nova ordem global, dentre os quais destaco o Movimento Zapatista e o Movimento dos Sem terra por suas características inovadoras. Ambos situam-se em países que possuem características similares com relação ‘a organização política, pois possuem um regime político baseado em uma democracia primordialmente eleitoral. Vivenciaram mudanças sociais intensas nas últimas décadas do século XX, vinculadas a industrialização e urbanização acelerada. Encontram-se vinculados ‘a globalização financeira, através das políticas econômicas de ajuste estrutural impostas pelo Fundo Monetário Internacional. Tais políticas econômicas os tornaram vulneráveis às crises financeiras e, conseqüentemente ao desemprego, a pobreza e ao aumento das desigualdades sociais.

A forma como estes países se integraram ao processo de globalização capitalista, potencializou e acirrou as suas contradições internas. Tanto o MST, quanto o Movimento Zapatista, resultam de um processo de resistência às mudanças políticas e econômicas operadas em seus países nas últimas décadas do século XX. (Simonetti:1999)

O Brasil e o movimento dos sem terra

No Brasil, o aparecimento político do MST, segundo Simonetti (1999), coincide com uma série de lutas sociais que ganham visibilidade no período de transição política, nos anos 80, após um longo período de vigência de governos militares no país. Neste período foram realizadas políticas econômicas que ampliaram as desigualdades sociais no país. Com relação à política agrária, foram beneficiados os grandes empresários e proprietários de terra em detrimento dos camponeses, o que levou o país a um dos maiores índices de concentração de terras do planeta. A organização do movimento decorreu da junção de várias lutas pontuais ocorridas por todo país em fins da década de 70. A articulação do movimento foi possibilitada através do apoio político do clero progressista, que emprestou sua infra-estrutura e auxiliou na articulação das lideranças e seus encontros. Em 1984 realizaram o 1º Encontro Nacional dos Sem terra de onde surgiu o movimento institucionalizado e onde definiram suas primeiras diretrizes políticas, bem como a definição do seu nome – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra. Desde então, o MST iniciou a construção de um espaço comunicativo, interno e externo, através de práticas educacionais, bem como em grandes congressos locais, estaduais e nacionais, onde são definidas as suas diretrizes políticas, princípios e ações.

Nos anos 90, constituiu-se no movimento social de maior visibilidade no país. Tem por característica realizar ações através da ocupação de terras públicas ou privadas e de prédios públicos (INCRA, órgãos governamentais etc.), e também grandes caminhadas e manifestações pelas principais cidades do país, objetivando ganhar espaço na mídia visando denunciar as desigualdades sociais e a sua proposta de reforma agrária.

Constitui-se de uma população heterogênea que reúne camponeses com pouca terra e seus filhos, camponeses sem terra, assalariados do campo e outras categorias de trabalhadores rurais ou urbanos. Integram-no também intelectuais, técnicos, professores e ex-integrantes do clero católico. Dentre os vários grupos sociais em luta pela terra no país, o MST se diferencia deles devido a sua prática territorial. A maior parte dos movimentos sociais constituídos em torno da luta pela terra se esgota a partir da conquista da terra ou do fim do conflito. O MST tem gerado um processo de *(re)territorialização* de trabalhadores nas terras conquistadas, que tem gerado continuamente novas demandas baseadas na tríade *ocupação/acampamento/assentamento*. Desde o momento de sua gestação até hoje a luta pela terra vem sendo constituída por ações que visam a impulsionar a reforma agrária e a ocupação tem sido o instrumento destas ações. A ocupação tem resultado no acampamento, que é a materialização dos sujeitos em ação, em luta. O assentamento representa o resultado do processo, a terra conquistada - a apropriação do território capitalista aquele sob hegemonia capitalista que é apropriado pelos camponeses. A apropriação do território, materializada no assentamento, não esgota o processo de luta. Desdobra-se em outras lutas para a conquista de crédito, infra-estrutura e demais condições necessárias para viabilizar a produção e a vida nos assentamentos, como escola para as crianças e, geralmente, para os adultos, postos de saúde, cooperativas, associações etc. Assim, os camponeses continuam vinculados ao MST, mesmo depois de assentados tanto para possibilitar as diversas lutas nos assentamentos, quanto outras lutas mais gerais, dentre elas a conquista de novas terras, de políticas agrícolas dentre outras (SIMONETTI, 1999).

O resultado da luta pela terra pode ser observado através do número de assentamentos localizados por todo país. Verifica-se no período entre 1979 a 2000, 569.733 famílias assentadas, em 5.200 assentamentos. Esse número está bem aquém das

necessidades dos Sem Terra, pois segundo o movimento ainda é grande a demanda por terra no país (MST, 2007).

O MST tem tido uma capacidade surpreendente de se reinventar politicamente segundo as variações conjunturais. Através de suas ações têm conseguido manter-se na mídia e seu desafio principal é pressionar socialmente para alterar o padrão de terra estruturado no país. A sua eficácia política pode ser visto através desses pontos: vem colocando na agenda política de diferentes governos brasileiros a temática da reforma agrária; o debate em torno da questão agrária no país; vem possibilitando o acesso à terra a um número significativo de famílias, permitindo melhorar suas condições de vida; a democratização da vida política e a dinamização econômica de vários municípios onde o assentamento se insere; vem possibilitando mudanças no imaginário dos brasileiros em torno da propriedade privada da terra; e a criação de um espaço comunicativo, nas escalas local, nacional e internacional, que visa dar visibilidade a sua luta bem como a outras temáticas políticas. O seu impacto político ocorre principalmente no Brasil, embora existam comitês de apoio no exterior, principalmente na Europa. O sentimento provocado pelo MST no exterior é o da 'solidariedade' visto que suas reivindicações são consideradas justas (SIMONETTI, 1999).

O México e o Movimento Zapatista

O aparecimento político do Movimento Zapatista para o mundo deu-se em 1º de janeiro de 1994. A mídia destacou o levante ocorrido no extremo sul do México, onde homens e mulheres armados, com o rosto coberto, e ocuparam durante a madrugada, 16 municípios do Estado de Chiapas. Na cidade de San Cristobal de Las Casas, tomaram a sede do governo local e anunciaram serem membros do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Distribuíram a imprensa internacional e ao povo mexicano uma declaração, na qual informavam o início de uma luta por: terra, trabalho, alimentação saúde, educação, independência, democracia, liberdade, justiça e paz (CASTELLS, 2000).

Tal acontecimento coincidiu com a entrada em vigor do NAFTA (North America Free Trade Agreement), cujo acordo pressupõe acordo econômico de livre comércio entre Estados Unidos, Canadá e México. Criado em 1992, o acordo prevê a instalação de uma zona de livre comércio entre esses três países. Esta área esta baseada na livre circulação de mercadorias e serviços entre os países membros. Isto acontece por eliminação das barreiras legais, e das tarifas alfandegárias, ou seja, está limitado apenas à área comercial. O que se busca é ampliar os horizontes de mercado dos países membros e maximizar a produtividade interna de cada um. Ao contrário da União Européia, o NAFTA não aponta para a unificação total das economias dos países que deles fazem parte (FELICE, 1998).

Após 12 dias de combate entre Zapatistas e o exército federal, estabeleceu-se uma trégua. O Bispo de San Cristóbal, Dom Samuel Ruiz, foi proposto pelos Zapatistas como mediador para dialogar com o governo. Os integrantes do movimento se recolheram a Floresta Lacandona, mantendo diálogo contínuo com a sociedade civil mexicana e internacional. Em 27 de janeiro, foi assinado um cessar fogo e iniciou-se um processo de negociação voltado para a discussão mais ampla sobre: reforma política, direitos indígenas e demandas sociais (CASTELLS, 2000).

O levante Zapatista veio como resposta as perversas transformações ocorridas no país e com as comunidades indígenas, desde os anos 40, uma vez que camponeses e índios foram negligenciados ao se privilegiar o grande capital e poucos proprietários de terra. Nos anos 90, essas comunidades foram mais afetadas visto que a entrada em vigor no NAFTA contemplava mudanças de alguns artigos na Constituição Mexicana. Aquela que mais alterava a vida dessas comunidades foi o artigo 27 que prevê a regulamentação agrária, propriedade da terra e bem estar dos camponeses. A alteração proposta visava destruir a propriedade coletiva da terra – Ejidos – principal conquista da Revolução de 1910. Ao incentivar o livre mercado da propriedade rural, com prejuízo dos pequenos lavradores que, sem infraestrutura agrícola e sem incentivos econômicos, encontram-se em absoluta

desvantagem no mercado agrícola. A reforma favoreceu o renascimento de uma estrutura agrícola do latifúndio, inimigo principal da revolução de Emiliano Zapata, intensificando o conflito no campo. Tal mudança teve um impacto em Chiapas, onde as milícias privadas armadas a serviço do grande latifundiário, levaram as organizações camponesas e indígenas à luta armada pela defesa do chão, do sustento e da própria cultura (FELICE, 1998).

Entre 1992 e 1993 camponeses e índios se manifestaram contra essas políticas através de marchas e atos na capital mexicana. Não surtindo efeito tais manifestações pacíficas, deram início a organização do levante armado. O movimento Zapatista contou com o apoio de parte do Clero progressista e dos seus catequisadores, que ajudaram a organização do movimento, embora a igreja tenha se manifestado contra o conflito armado. O Zapatismo é constituído de integrantes das comunidades indígenas (homens, mulheres e jovens) que vivenciaram a crise econômica e os atuais conflitos sociais. Também integram-no os remanescentes de grupo Maoístas formados na área urbana do México na década de 70. Tais militantes assumiram a luta junto a esses setores mais oprimidos do país, compartilhando suas experiências, lutas e sofrimentos. Dentre esses militantes, estava Marcos que se tornou porta-voz do movimento. Com sua vasta cultura, passou a relacionar-se com a mídia e a Internet, tornando-se um elo comunicativo entre os indígenas e o mundo (FELICE, 1998).

A mediação entre o Movimento Zapatista e o mundo passou a ser realizada através de comunicados, escritos pelo subcomandante Marcos ou pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena. Os Zapatistas deram continuidade ao diálogo com o governo que chegou em alguns momentos a circundar a Floresta de Lacandona com seu exército desrespeitando os acordos de diálogo e provocando dificuldades para as comunidades indígenas. Em poucos dias, respondendo aos apelos lançados pelo correio eletrônico, pessoas comuns e ONGs pressionaram os representantes do governo mexicano em seus países, a fim de que cessasse a repressão militar aos Zapatistas. Ao mesmo tempo grupos de artistas, intelectuais e políticos mexicanos pressionavam o governo a respeitar as comunidades indígenas. Essas ações levaram a abandonar a ação militar, mas mostrou o efeito comunicativo do Movimento Zapatista (FELICE, 1998).

Desde então o Movimento Zapatista iniciou uma série de atividades políticas concretas que quebraram os limites localizados de suas ações, realizando eventos internacionais causadores de grandes impactos, tais como o 1º Encontro Intercontinental pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, realizado em 1996, que levou para a Floresta de Lacandona delegações de todos os continentes. Ao longo desses 8 anos de existência vem realizando grandes caminhadas, grandes manifestações nas grandes cidades do México para dar visibilidade a sua luta. As suas ações originaram uma nova forma de pressão política absolutamente difícil de ser controlada, pelo fato de que embora as comunidades estejam localizadas territorialmente possam levar o conflito para um espaço comunicativo sem limites (FELICE, 1998).

Em 1995, realizaram uma consulta, via Internet, para indagar sobre a forma política que o movimento deveria assumir. Tornar-se uma força política-partidária ou se deveria continuar como um movimento amplo e democrático. Em vários lugares do mundo e no México, milhares de pessoas participaram da consulta, que opinou que o movimento deveria continuar como organização paralela, não armada, buscando atuar em prol da transição pacífica a caminho de uma nova sociedade. Na atualidade utilizam-se da Internet para estabelecer um espaço comunicativo e propõe um diálogo com a sociedade pleiteando, sobretudo, o respeito às diversidades culturais. A atuação política do Movimento Zapatista não propõe um modelo de sociedade, mas chama essa sociedade para construir juntas essa nova sociedade. Surgido em um novo contexto internacional, o Movimento Zapatista apresenta uma nova estratégia, que não tem por alvo a conquista do poder, e faz uso da palavra como arma, veiculada pelos meios de comunicação modernos (FELICE, 1998).

A estratégia de comunicação dos sem terra e Zapatistas

Diferente da prática política dos Zapatistas, o MST tem sua prática comunicativa mais localizada no espaço brasileiro e sua articulação política restrita aos movimentos camponeses, mesmo internacionais. Possui o Jornal Sem Terra que é um dos jornais de mais longa duração nos movimentos populares. Busca também a solidariedade de Organismos não governamentais e institutos internacionais, seja apoiando com recursos, ou apoiando em momentos críticos desta luta. De forma ininterrupta, seu jornal tem 18 anos de existência. Dezenas são os “repórteres populares” formados pelo MST para registrar, elaborar e enviar as notícias para que ele possa funcionar. Possui Rádios Comunitárias nos assentamentos, que funcionam como um instrumento fundamental para a prática comunicativa do MST, principalmente nas pequenas localidades. Atualmente possui em funcionamento nos assentamentos e acampamentos cerca de 30 rádios comunitárias e 10 programas de rádio para veicular as notícias, recados, informações a partir de uma ótica popular e de luta.

Vincula-se ao movimento internacional de luta Através da Coordenação Latino Americana de Organizações Camponesas – CLOC – o que vem possibilitando a sua articulação com o movimento camponês, através de diversos intercâmbios de experiências, de formação e capacitação. Em âmbito mundial, o MST participa da Via Campesina, que articula organizações camponesas dos vários continentes e que lutam por terra, reforma agrária e política agrícola adequada ‘a pequena produção. O Setor de Direitos Humanos desenvolve um trabalho de formação e divulgação dos direitos básicos e essenciais do cidadão brasileiro, da legislação geral e específica da questão agrária, nos diversos cursos e encontros do MST. Organiza as denúncias em âmbito nacional e junto aos órgãos internacionais. Recentemente na ONU, o MST foi representado pela Franciscan and Dominicans Foundation denunciando os constantes desrespeitos aos Direitos Humanos por parte do governo brasileiro.

O sucesso dos Sem Terra no Brasil, deve-se à sua estratégia de comunicação. Desde sua institucionalização como movimento, em 1984, até os dias atuais o movimento busca espaços na mídia para divulgar seu ideário, difundir sua mensagem e buscar apoios tanto no Brasil, quanto no exterior. Em 1998 o movimento lança sua página na Internet, contendo informações sobre o movimento, sua história, agenda de lutas e reflexões sobre a luta política, a questão da terra, a globalização e a economia mundial etc. Atualmente possui comitês de apoio espalhados em vários países tais com Itália, França, Espanha e Bélgica.

A importância do MST na sociedade brasileira se deve, em grande parte, a forma como o movimento desenvolve ações visando dar visibilidade ‘a luta pela terra. Até então, comunidades indígenas, camponeses e trabalhadores rurais estavam em luta no interior do país, no campo e pouco se sabia sobre as situações de exclusão, violência e assassinatos. O MST trouxe para a cidade, para a mídia e academia esta luta. A sua organização assumiu uma dimensão extraordinária graças a sua organização interna e de suas práticas territoriais e políticas, que foram sendo construídas ao longo da sua formação e trajetória. A capacidade de organização e de integração de novos Sem Terra nessa luta, bem como as grandes manifestações, grandes caminhadas, ocupações de prédios públicos e praças, mostra a singularidade desse movimento na sociedade brasileira.

A luta pela terra e as transformações decorrentes desse processo, visto em seu conjunto, vêm possibilitando mudanças na sociedade brasileira. Pode-se medir sua importância sob duas óticas: aquela que permite às famílias melhores condições de vida e percepção de que têm direitos, possibilitando-lhes romper com as redes de dominação e subserviência à classe dominante. E aquela que possibilita o questionamento do direito de propriedade, propondo um modelo diverso àquele da propriedade capitalista, o que tem implicações em mudanças de poder. Esta é a essência da questão, uma vez que há no Brasil um verdadeiro pacto de classes que exclui da cena política os trabalhadores e camponeses, como meio de protelar uma transformação no direito de propriedade, que alteraria as bases de sustentação dos grandes latifundiários, das classes dominantes e da forma brutal que a exploração do trabalho e a acumulação do capital assumem no País. Ao

proporem uma nova relação com a terra, baseada no primado do uso sobre a troca, de fato, esses sujeitos estão abrindo espaços para mudanças na sociedade brasileira.

O MST destaca-se pela importância social e política na sociedade brasileira e em todo continente americano. Consegue mobilizar grupos e comitês de solidariedade em diferentes lugares do mundo, visto que são tidos como protagonistas de lutas sociais que visam proporcionar melhores condições de vida para os segmentos mais pobres da população. Porém, diferencia-se do Movimento Zapatista visto que, o mesmo faz uso das palavras para contaminar o mundo através das redes modernas de comunicação visando abrir novos horizontes e possibilitando juntar mundos antes incomunicáveis – os indígenas e a população urbana de diferentes lugares do planeta. Busca uma sociedade multicultural. Tal elemento assume um significado importante para o mundo de hoje, especialmente no contexto das sociedades americanas, historicamente construídas a partir de um projeto político que preferiu ignorar as heterogeneidades culturais, excluindo, através de uma perspectiva desenvolvimentista – a diversidade cultural.

Para entender o impacto e a dimensão do Movimento Zapatista é necessário recorrer a novos conceitos e olhares. As técnicas modernas de comunicação mudaram a relação do movimento com a sociedade civil, que passou de interlocutora estratégica a parte integrante do movimento. Este, ao contrário das conhecidas vanguardas revolucionárias, dialoga com a sociedade civil, abrindo assim, a possibilidade de novas utopias (FELICE, 1998).

Ao utilizarem-se dos recursos modernos dos meios de comunicação para dar visibilidade às suas lutas e conquistas, o MST e o EZLN redimensionaram as suas práticas e lutas sociais. Ou seja, as suas lutas embora localizadas territorialmente conseguem dialogar com a sociedade civil tanto de seus países, como do mundo, possibilitando um diálogo interativo que possibilita ampliar as ações do Movimento dos Sem Terra e do Movimento Zapatista (EZLN).

Referências bibliográficas

BATALLA, G. B. México profundo. México/DF: GRIJALBO, 1987.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. O Poder da identidade. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FERNANDES B. M. MST: formação e territorialização. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Gênese e Desenvolvimento do MST. Cadernos de Formação. nº 30. São Paulo, 1998.

GRZYBOWSKI, C. Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo. Petrópolis: FASE/Vozes, 1987.

MARTINS, J. S. Os camponeses e a política no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. Caminhada no chão da noite. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. A chegada do estranho. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. O poder do atraso. São Paulo: Hucitec, 1995.

FELICE D. M. e MUÑOZ, C. A revolução invencível. Subcomandante Marcos e o Exército Zapatista de Libertação Nacional. São Paulo: E. Boitempo. 1998.

MEDEIROS, L. S. História dos movimentos sociais no campo. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

MONTEMAYOR, C. Chiapas – La rebelion indígena de México. J.M. México/DF. 1997.

MST: A reforma agrária e a sociedade brasileira. São Paulo: MST, 1996.

OLIVEIRA, A. U. A Geografia das lutas no campo. São Paulo: Contexto, 1988.

SANTOS, M. Por uma geografia nova – da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1988.

SIMONETTI, M. C. L. A longa caminhada – a reconstrução do território camponês em Promissão. FFLCH-USP, 1999 (Tese de Doutorado em Geografia Humana).

MST Número de assentamentos rurais – 1979-2000. Atualizado em 14/07/2006. <<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=1007>. Acesso em 30 jun.2007.

Artigo recebido em março de 2007

Artigo reenviado em setembro de 2007

Artigo aprovado em setembro de 2007